



Rotinas produtivas no Jornalismo Literário¹

Bruno Ribeiro PEREIRA²

Luísa Guimarães LIMA³

Centro Universitário IESB, Brasília, DF

RESUMO

Os jornalistas, por vezes, usam estratégias textuais conhecidas como “literárias” para redigir reportagens. Este artigo pretende identificar as rotinas produtivas envolvidas nessa aplicação. Para isso foi feita revisão bibliográfica sobre o Jornalismo Literário e entrevistas com três profissionais que trabalham, direta ou indiretamente, com a aplicação dessa linguagem: Carol Pires, repórter da revista Piauí, Paulo Paniago, professor de Jornalismo Literário da UnB e Fabiane Guimarães, repórter do Jornal Metro. O objetivo é estudar a estrutura do processo produtivo das matérias narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; rotinas produtivas; *newsmaking*; reportagem narrativa.

TEXTO DO TRABALHO

1. Introdução

Este artigo propõe um debate acerca das rotinas produtivas do Jornalismo Literário. Por meio de revisão bibliográfica e de entrevistas com profissionais da área, tenta responder às seguintes perguntas: quais as diferenças no modo de se pensar e de se fazer uma reportagem que a tornam literária? É possível identificar um *modus operandi* em comum nas reportagens?

A principal justificativa para a realização deste artigo é a raridade de pesquisas sobre as rotinas produtivas de jornalistas literários. De 2005 a 2013, foram catalogados 88 artigos sobre Jornalismo Literário no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom), mas apenas um deles citava, sem aprofundamentos, as

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da IESB, email: bribeiopereira@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: luisaglima@hotmail.com



rotinas produtivas. Destaca-se também o ineditismo das entrevistas que serviram de base para o desenvolvimento do estudo.

A pesquisadora Mônica Martinez (2009a) analisou artigos sobre Jornalismo Literário publicados entre 2001 e 2006. Ela concluiu que, embora a pesquisa tenha crescido, as teorias continuam difusas. "O Jornalismo Literário pesquisado (...) é o do sec. XIX/XX, quando a profissão estava em formação e parte do material jornalístico era feita por escritores. Fica evidente, portanto, a lacuna de estudos sobre o gênero no momento atual" (MARTINEZ, 2009a, p.13). A lacuna que este artigo pretende preencher é a da identificação de características comuns à produção das reportagens.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com três jornalistas que trabalham - direta ou indiretamente - com essa linguagem: o primeiro é o professor de jornalismo literário da Universidade de Brasília, Paulo Paniago; as duas outras são jornalistas que usam essa técnica, com maior e menor constância, respectivamente, Carol Pires, da revista Piauí, e Fabiane Guimarães, do Jornal Metro.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira, trata-se do histórico e das diferentes visões do jornalismo literário na imprensa brasileira; na segunda, analisam-se as teorias do *newsmaking* e das rotinas produtivas; por fim, dialogam-se as opiniões dos entrevistados sobre as aplicações das rotinas produtivas dentro do jornalismo literário e busca-se definir um modelo da produção que usa tal linguagem.

2. Jornalismo Literário

Quando se aborda o Jornalismo Literário, quase tudo é incerteza. Grosso modo, o Jornalismo Literário agrupa textos com uma linguagem semelhante, que "flerta com o literário" (PENA, 2006). O que não fica definido, porém, é que diferenças essa linguagem carrega para se diferenciar do jornalismo e da literatura convencionais, e seguir ainda mantendo-se agrupada em um único gênero. "O surgimento de um novo gênero será sempre uma transformação por inversão, por deslocamento ou por combinação de um ou de vários gêneros antigos. De modo que os gêneros não desaparecem, mas aparecem, então, com uma nova roupagem" (PINTO, 2008).

Mas que nova roupagem é esta que propõe o Jornalismo Literário? Para Edvaldo Pereira Lima (1996), criador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, pode-se resumi-lo como o uso de marcas características da literatura no jornalismo, como as figuras de linguagem, a profunda contextualização e até a digressão (LIMA, 1996).



“[Jornalismo Literário] se opõe claramente ao Jornalismo convencional, em que se tenta anular a experiência individual (o que sabemos ser impossível), tanto de quem escreve quanto daqueles sobre os quais se escreve” (LUGÃO, 2012, p. 59).

Para o professor Vitor Necchi (2009) é o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que tem o mérito de introduzir a reportagem literária no Brasil. Seu uso, porém, só irá se espalhar pelo país em 1960 (PENA, 2006). “No Brasil, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* são sempre citados como expoentes máximos dessa onda de Jornalismo Literário nos anos 1960” (MARTINEZ, 2009b). Na visão da autora, porém, está encrustada nas pesquisas, de modo geral, “uma das falácias que cercam este campo, a de que o Jornalismo Literário não é praticado nas redações atuais” (MARTINEZ, 2009a).

No entanto, no prefácio do livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, os organizadores Gustavo de Castro e Alex Galeno (2006) demonstram que o debate acerca do Jornalismo Literário é contemporâneo. “Os ensaios mostram que a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa, cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra” (2006, p. 09). Autores, como Carlos Peixoto (2002) e Hérís Arnt (2007), chegam a acreditar que tal simbiose de discursos será o futuro da imprensa. “Novas definições e configurações vão marcar os destinos da mídia, nesses primeiros anos do século XXI. Uma das possibilidades com as quais trabalho é a de um retorno da imprensa às origens literárias” (ARNT, 2007, p. 1).

O colunista da Folha de S. Paulo Clóvis Rossi (200), em seu livro *O que é o jornalismo?*, admite que o uso excessivo da fórmula do *lead* (que responde sempre às perguntas de "o que?", "quem?", "quando?", "onde?", "como?" e "porquê?" no primeiro parágrafo do texto), tornou a maioria dos textos jornalísticos “aborrecidos, cansativos e monótonos” (2000, p. 28). A uniformidade do *lead* é, inclusive, um dos principais motivos apontados por Edvaldo Pereira Lima (1996) para que se passe a utilizar das técnicas da literatura na reportagem com maior constância. “O texto jornalístico não é somente essa coisa sem graça, uniforme, sem brilho e sem profundidade, que vemos na maioria das vezes” (1996, p. 8). Felipe Pena (2006), concorda, dizendo que o uso do Jornalismo Literário não deve inovar só o início das matérias, mas no texto todo:

O jornalismo literário não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade,



exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários [fontes que são sempre buscadas] e, principalmente, garantir perenidade e profundidade (PENA, 2006, p.13).

Edvaldo Pereira Lima (2013), por sua vez, crê que o Jornalismo Literário deva abranger não só o texto, mas toda a sociedade. Para ele, as características apontadas por Pena são a primeira parte de uma produção usando essa linguagem. Ainda há:

A segunda categoria centra-se no caráter autoral do Jornalismo Literário. A partir do rico conjunto de ferramentas disponíveis, o jornalista literário produz sua matéria com estilo próprio e voz autoral diferenciada (...), entendendo-se sob essas expressões tanto o modo peculiar de linguagem textual do autor quanto a totalidade da sua maneira de reportar o real, incluindo-se seu modo de interação com os personagens efetivos da narrativa. A terceira categoria tem a ver com a visão de mundo, o entendimento intrínseco e implícito de toda narrativa (LIMA, 2013, p. 69).

Os estudiosos do tema ressaltam que o texto de Jornalismo Literário não deve abdicar das técnicas de apuração de uma notícia, pelo contrário, deve adentrar mais profundamente nelas. "Os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente" (PENA, 2006, p. 14).

É para evitar que os repórteres se esqueçam do rigor com a apuração que o professor da PUC-RS Vitor Necchi propõe uma nova nomenclatura para o Jornalismo Literário: "Jornalismo Narrativo". Ele discorda do uso do termo por temer que o uso do adjetivo literário acabe enfraquecendo o substantivo jornalismo.

O Jornalismo Literário precisa se ater ao fato que ocorreu porque se trata de jornalismo, não de ficção. É preciso cuidar também dos riscos: pieguice, exagero, descolamento do real e sobreposição da opinião ao relato dos fatos. A palavra literário poderia sugerir, equivocadamente, que seria mal escrito o que estivesse fora desse escopo (NECCHI, 2009, p.10).

O jornalista Juremir Machado da Silva (2006), em seu capítulo do livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, no entanto, faz a ressalva de que os



textos de Jornalismo Literário têm de ser equilibrados, dosando igualmente a descrição dos fatos e a riqueza literária. "O jornalista que só pensa na precisão do dado esquece a necessidade de imprecisão da forma. Assim, informa menos por querer comunicar mais." (2002, p. 49/50). Edvaldo Pereira Lima complementa o raciocínio. "Procuramos compreender, mas também vamos sentir. Abordamos a realidade através da razão e da emoção, da lógica e da intuição" (1996, p.9).

3. O que é notícia?

3.1 Os *gatekeepers*

A pesquisadora Giullia Batelli (2012) mostra que até a seleção das notícias no Jornalismo Literário é feita de forma diferenciada. O pesquisador português Fernando Caiscais (2001) evidencia a importância desta etapa produtiva no verbete "selecionar" de seu Dicionário de Jornalismo. "A seleção é inerente ao processo (por razões de espaço e organização textual), a questão de fundo são os critérios que orientam as sucessivas seleções" (CAISCAIS, 2001, p. 175).

Duas teorias do jornalismo são responsáveis por explicar como essa escolha é feita (*newsmaking*) e por quem (*gatekeeping*). Estudos nessas áreas começaram a ser produzidos na década de 1950, com a intenção de se racionalizar o processo de seleção do que seria notícia a partir dos fatos ocorridos (WOLF, 2009). Inicialmente, os trabalhos se focaram em quem eram os responsáveis por escolher o que seria reportado. Os donos dessa função ficaram conhecidos como *gatekeepers* (SANTOS, 2001).

Esses estudos, porém, foram amplamente criticados por darem muito peso às opiniões do editor, como se houvesse apenas um *gatekeeper* no processo de seleção. "O conceito ignorou o fato de que o esquema só funciona porque está integrado numa lógica organizacional" (SANTOS, 2001, p. 94). "O caráter individual do *gatekeeper* é ultrapassado, acentuando-se, em particular, a ideia da seleção como processo hierarquicamente ordenado e ligado a uma rede complexa" (WOLF, 2009, p. 181).

3.2 A noticiabilidade

Selecionar a pauta é o que inicia as rotinas de produção. Essas são delineadas por Mauro Wolf (2009) como o processo de escolha e elaboração das notícias, respeitando a



lógica de trabalho em equipe, cujo elemento principal é “a substancial escassez de tempo e de meios” (WOLF, 2009, p. 218). A falta de tempo disponível impede longas discussões entre os *gatekeepers* sobre o que deve ser notícia, portanto se faz necessário o compartilhamento de critérios que estejam “profundamente enraizados em todo o processo informativo” (WOLF, 2009, p. 218).

Para Manoel Carlos Chaparro (2007), tais parâmetros são ditados pelo público:

A atividade jornalística deve ser avaliada e avalizada pelas razões do interesse público, parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação. E, quanto mais vigorosos forem os atributos de relevância social da informação, maior será a dimensão do interesse público atendido (CHAPARRO, 2007, p. 146).

Os teóricos do jornalismo, todavia, divergem sobre quais seriam os valores-notícia que poderiam ser adotados de forma mais generalizada. Gislene Silva (2005) traçou um quadro comparativo em que lista os conceitos adotados por treze pesquisadores do *newsmaking*. Ela propôs, assim, que sete valores-notícia teriam maior peso ao se avaliar a noticiabilidade: atualidade, importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão. A maioria dos teóricos concorda, todavia, que os valores-notícia são adaptáveis. "A gama dos argumentos que se contrapõem a ela [a noticiabilidade] é vasta: vai da ideia de que a notícia é tão impossível de prever como o acontecimento e, por isso, não pode ser encerrada em esquemas analíticos, dado que é fruto de capacidades subjetivas (o ‘faro’ para a notícia)" (WOLF, 2009, p. 191).

O Jornalismo Literário teria adaptado esses valores notícia à sua realidade produtiva. Para Edvaldo Pereira Lima (2013), tal linguagem abdica de um dos principais norteadores do jornalismo convencional, a atualidade. “O dinamismo do mundo moderno parecia exigir do jornalismo outro horizonte temporal, mais elástico, que é a *contemporaneidade*” (2013, p. 3). Para ele, valores-notícia tradicionais, como a universalidade e a difusão coletiva, também devem ser abolidos com o uso do Jornalismo Literário. “A leitura do mundo pretendia-se [com eles] a um viés racionalista, excessivamente cerebral e lógico, aos meus olhos, que traduzia no fundo um entendimento raso, simplista da realidade” (2013, p.3).



Gislene Silva (2005) também destaca fatores que definem a noticiabilidade, além dos valores notícia:

[...] desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p.2).

3.2.1 A influência do repórter na seleção

As subjetividades listadas por Silva (2005) no processo de escolha do que será notícia abrem um precedente, na visão de Santos (2001), para que os jornalistas acabem criando os acontecimentos que eles próprios irão noticiar, os chamados pseudo-acontecimentos. Para Daniel Boorstin (1977 *apud* SANTOS, 2001), a partir de 1950 a maior parte do que lemos, vemos e ouvimos provém de pseudo-acontecimentos. “Boorstin critica o fato de os jornalistas não se limitarem a um papel passivo no relato” (SANTOS, 2001, p. 106).

O Jornalismo Literário, na contramão de Boorstin, não é favorável a passividade do repórter. “O jornalista literário tem personalidade. Como pessoa integral que é, pode ter traços tão díspares como intimidade, franqueza, ironia, estranhamento, confusão, até ser julgador ou um tremendo gozador” (MARTINEZ, 2009b, p.11). Nelson Traquina (2004) também critica o pedido de isenção no jornalismo. “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento (porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do próprio processo de produção)” (TRAQUINA, 2004, p. 135). Para Pena (2006), “o fatício no Jornalismo Literário não se baseia na veracidade, mas, sim, na verossimilhança” (2006, p. 103).

4. O "literário" passo a passo

4.1 A pauta

Como escolher o que pode ser uma reportagem literária a partir da gama de possíveis assuntos, que são ainda maiores que as do jornalismo convencional, como



propõe Edvaldo Pereira Lima (2013)? Para o professor de Jornalismo Literário da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Paniago (2014), os critérios a serem levados em conta são os mesmos. “Os valores-notícia continuam, o que muda é a forma que nós vamos nos aproximar deles e os perceber. Os valores mais óbvios: proeminência, proximidade, eles estão lá. Não muda o substantivo, se continua a fazer jornalismo.” No entanto, como identificado por Wolf (2009), estes valores são subjetivos – o chamado faro. “Não tem receita, se tivesse seria muito fácil, mas menos interessante de fazer e de ler”, conta a repórter da revista mensal Piauí Carol Pires (2014). Na publicação, as sugestões de pauta partem tanto dos editores quanto dos jornalistas. “Mas, na maioria das vezes, eu que sugiro”, afirma Pires. No caso da repórter do jornal diário Metro Brasília, Fabiane Guimarães (2014), todas as pautas, “ainda mais as especiais”, são sugestões dela. Para definir o que será essa especialidade, ela leva em conta o que chama de “frieza” da história. “O Jornalismo Literário não vai tratar de pautas que aconteceram aqui e agora. Ele deve se valer de um fato, mas fazer uma reflexão dele, trazer sob a perspectiva de um acontecimento, a visão de alguém”, sugere a repórter.

4.2 A apuração

Não somente a pauta deve ser encarada como especial, na visão de Paniago (2014), mas todo o processo de aprofundamento. “Na hora de apurar, o jornalista também deve se utilizar de ferramentas da literatura”, opina. Para Pires (2014), essas ferramentas podem ser resumidas como uma maior atenção. “É prestar atenção não só no que a pessoa te fala, mas como ela te fala, onde ela te fala. Ela repete muito a mesma palavra? Olha para baixo quando fala? Todo detalhe conta.” Guimarães (2014) complementa. “A forma que o personagem te fala enriquece muito. Se ele está tímido, se ele é recatado, extrovertido, isso tudo traz um quê a mais para o texto. Você tem que reparar nos detalhes”, diz. Pires (2014) dialoga com a colega. “De perto, ninguém é comum. Então, quanto mais de perto você observar, mais única será sua história”.

Ao contrário de Pires, que trabalha com exclusividade com “Jornalismo Narrativo”, como ela define, Guimarães (2014) tem uma rotina mais apertada, portanto têm de se policiar para ter atenção aos detalhes. “Acho que eu aprendo a escutar melhor quando vou para uma pauta ciente de que é mais que uma pauta”, afirma. Na visão de Paniago (2014), saber dar essa atenção aos detalhes é fundamental para quem se propõe a praticar o jornalismo literário. “É óbvio que não é todo mundo que tem essa



disposição, esse tempo, essa disponibilidade para entender o outro. O repórter tem que ter bagagem, tem que ter leitura. Tem que ter uma sagacidade no olhar.”

4.3 Prazos extensos

Não é só de talento do repórter, porém, que é feita a reportagem literária. O tempo disponível para produzir e elaborar o texto é considerado, por todos os entrevistados, um fator crucial. A dimensão desse prazo, porém, não é consenso. Para Paulo Paniago (2014), é impossível produzir uma reportagem literária de um dia para o outro. “Em um dia não dá. Uma apuração maior pede um prazo maior. Claro que não precisa de cinco anos também, dá para encontrar um meio termo”, avalia. Para ele, a revista Piauí “está à altura, dada a nossa cultura, ela resolve bem com o tempo disponível”. Pires (2014) resume a sua forma de trabalho na publicação:

Como quase sempre é uma reportagem muito extensa, que leva de um a três meses para ficar pronta, eu quem tenho que me organizar. Para a reportagem que eu estou fazendo agora, sobre um assunto na Colômbia, eu fiquei pelo menos um mês apenas lendo livros, buscando contatos, telefonando para pessoas de lá para marcar entrevistas. Depois passei 20 dias viajando pela Colômbia e por Cuba para apurar, entrevistar. Agora tenho 20 dias mais para escrever. Mas tudo é relativo. Já fiz um perfil que demorou só um mês para ficar pronto, entre aprovar a pauta, viajar, apurar e escrever. Outras demoram mais. Fiz uma sobre as cartas do Lula que demorou seis meses para ficar pronta.

Tendo sempre trabalhado em jornais diários, Fabiane Guimarães, em contrapartida, não faz ideia do que é ter esses prazos para se dedicar a uma reportagem. Para ela, o tempo de produção dura poucas horas. Ainda assim, Guimarães (2014) se opõe a Paniago (2014) quanto à impossibilidade de se fazer jornalismo literário em um só dia:

É possível fazer jornalismo literário em jornal diário. O Metro é gratuito, é pequeno, mas a gente está sempre buscando ousar na hora de fazer as nossas reportagens. É cansativo, dá mais trabalho, mas é possível. Acho que se você se esforçar dá. Às vezes, quando você não tem tempo, você tem que recorrer ainda



mais a esse tipo de coisa, que é a observação, o cuidado, a sensibilidade de recorrer às perguntas cruciais e de escutar, acima de tudo.

4.4 A redação

4.4.1 O texto humanizado

Se os prazos para produção da reportagem causam divergências, não há nada que suscite mais concordância entre os entrevistados de que uma necessidade de humanização do texto. Todos os entrevistados destacam que essa presença do indivíduo deve ser ressaltada, tanto a do jornalista quanto a do personagem. “A humanização é um dos pontos centrais. O que provoca empatia nos outros seres humanos é esse sentimento. É isso que faz o leitor gostar de escutar aquela história, ninguém se interessa por histórias mecanizadas”, avalia Guimarães (2014). A repórter cria uma relação de proximidade com os personagens que aborda, a ponto de chorar ao passar essa ligação para o papel. Ela descreve o perfil que escreveu sobre uma torcedora do Flamengo que mesmo com Alzheimer não se esquecia da paixão que tinha pelo clube. “Me apeguei muito à D^a Faustina. Escrevi a história dela chorando, foi muito emocionante, coloquei o máximo de sensibilidade feminina” (GUIMARÃES, 2014).

Na visão de Pires (2014), a presença de “um personagem que seja o fio condutor da reportagem” é um pré-requisito do Jornalismo Narrativo. Para contar a história das pessoas que enviavam cartas ao ex-presidente Lula, Carol “precisava de um personagem, alguém que tivesse escrito para o presidente e que eu pudesse entrevistar para reconstituir o intercâmbio de correspondências” (PIRES, 2014). Ela considera que a matéria só “nasceu” quando encontrou uma personagem que morava perto de Teresina, no Piauí, e que havia recebido cartas-resposta da presidência da República. “A partir da história pessoal da Francisca Edna, contei a história de milhares de pessoas que escrevem para o presidente da República. É algo que, desde o micro, explica o macro”, comenta a repórter.

Para Paniago (2014) a presença de um personagem é uma “necessidade” quando se fala de Jornalismo Literário. Na opinião do professor, é só com a intensa convivência com o personagem que se chega à apuração bem feita. “Se convive tanto com a fonte que o repórter começa a observar como aquela pessoa é, até, a ambição é sempre essa, a observar essa pessoa pelo lado de dentro” (PANIAGO, 2014). Dessa forma, Paniago



(2014) explica que a presença de indicações do pensamento do personagem em textos de Jornalismo Literário é uma forma de “reforçar” a matéria.

O repórter convive tanto com uma pessoa que pode transmitir como funciona o mecanismo de raciocínio dela em algumas situações. Ao fazer isso você está dando uma camada a mais, que o jornalista convencional não consegue, e não consegue por não conviver com esta intensidade com as pessoas. Em uma hora, quantas mentiras o seu interlocutor te disse? E você não pôde perceber, não pôde apurar melhor? Mas em uma convivência de meses, anos, você consegue dizer como é que funciona o pensamento do personagem, e assim o jornalista consegue refinar o modo de transmitir a informação.

4.4.2 O estilo

Paulo Paniago (2014) destaca, porém, que não é só a convivência entre os personagens e o jornalista que torna o texto “literário”, mas a forma em que esta ligação será tratada no texto. “Cada jornalista literário tem um estilo que é próprio, um jeitinho, uma dicção, uma embocadura, que é da pessoa, não da apuração” (PANIAGO, 2014). Por ser algo tão pessoal do repórter, não há como falar em marcas em comum. “É sempre diferente, não tem uma receita, senão não seria jornalismo literário. Eu gosto de me focar em cenas particulares, por exemplo, começar por um acontecimento interessante que um entrevistado me contou”, conta Fabiane Guimarães (2014).

Carol Pires (2014), por sua vez, se inspirou no estilo de Mario Magalhães, autor de um perfil do guerrilheiro Carlos Marighela, para contar a história de desabrigados dos deslizamentos de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro.

Foi uma reportagem que me tocou muito pessoalmente, porque até então o grosso do meu trabalho foi sobre política. Acho que tirar o peso político da apuração, me deixou mais livre para escrever. Na hora de escrever, pensei no perfil do Marighela. Ele vai amarrando um parágrafo no próximo, o próximo no seguinte e o último no primeiro. É um crochê. Tentei fazer o mesmo.

Para Paniago (2014), falta a ousadia aos jornalistas literários brasileiros, de modo geral, se entregar a essa liberdade que a linguagem permite.



No fundo, os jornalistas literários são medrosos. Ficam presos à amarra da objetividade do jornalismo, querendo transparecer que o que está dito é comprovável, verificável, sendo que deveria estar dizendo: “meu jornalismo literário é excelente, o que ele tem de ficcional é o que a realidade tem de ficcional” e se libertando disso. O jornalista literário está muito amarrado a essa verdade. Ele poderia ser um pouco mais literário, digamos assim.

4.4.3 O tamanho do texto

Apesar do tamanho das reportagens narrativas superar as do jornalismo convencional, todos os entrevistados concordam que é possível fazer Jornalismo Literário em texto curto. “Dá para você contar tudo que você precisa de uma maneira diferente em 2 mil caracteres e ser literário mesmo assim”, opina Guimarães (2014). Ademais, complementa Paniago (2014), um texto curto não é reflexo de uma apuração curta, pelo contrário.

Às vezes, a concepção de um texto curto, texto em um sentido amplo da palavra, demanda empenho, investimento, tecnologia diferenciada... Posso ir para uma pauta, voltar e bolar um infográfico animado que vai demandar uma equipe para desenhar, um programador de *flash*... E o consumo daquilo vai se dar em 10 segundos. É possível ser sintético e literário? É, mas isso depende, obviamente, de um empenho. A síntese precisa de uma maior maturação. É preciso ser melhor ainda para ser sintético.

Para Carol Pires (2014), é fundamental que os textos publicados nos jornais diários, por mais que “inovem na linguagem”, sejam sintéticos. “Colocar um texto de duas páginas numa terça-feira é um contra-serviço. Ninguém vai ter tempo de ler.” Ela detalha que, por pretensão de serem literários, os textos abordam questões supérfluas que poderiam ter sido cortadas. “Eu não quero abrir o jornal de manhã e saber a cor favorita do político que desviou verbas. Eu quero saber a informação: quem roubou, quando, quem sabia, será investigado, culpado, condenado?” (PIRES, 2014).

4.5 A edição

O processo de filtragem dos pormenores considerados desnecessários fica a cargo não só do repórter, como dos editores, de acordo com o estudo de A. Z. Bass



(1969 *apud* SANTOS, 2001). Na Piauí, o processo de edição não é uma via de mão-única, como explica Paniago (2014): “O processo é lento, o texto vai e volta várias vezes, se discute, se debatem mudanças, dá até briga, até se ter um material qualificado e consensual”. Na revista, no entanto, essa etapa produtiva é diferenciada. O processo no jornalismo diário costuma ser mais autoritário, como exemplifica Fabiane Guimarães (2014), ao contar a história da reportagem que fez quando trabalhava no *Correio Braziliense*. “O editor, ao me dar a pauta, disse: ‘eu quero que você escreva um texto ótimo, que você faça um perfil dessa senhora para mim’, ou seja, na sugestão, meu chefe já encomendou um Jornalismo Literário”. Guimarães (2014) também destaca que alguns editores não aprovam o uso da linguagem narrativa. “Alguns jornais não aceitam bem esse tipo de linguagem. Por exemplo, o Aqui DF, que é do segmento popular, não recebe bem esse tipo de jornalismo”.

4.6 A recepção

A repórter Fabiane Guimarães (2014), no entanto, destaca que não é possível afirmar que é o leitor popular que não gosta de Jornalismo Literário. Para ela, o que acontece é que difícil “ler um texto mais comprido, mais denso. Ele quer uma coisa mais fácil, até por conta da rotina.” Para Carol Pires (2014), deve-se evitar recorrer ao uso excessivo de metáforas e elucubrações para tornar os textos narrativos mais claros. “Cabe ao leitor, depois de ler minha descrição, chegar à conclusão se a comida era gostosa, se o clima era ruim, se o entrevistado era feio ou se alguém estava incômodo na cena. A melhor adjetivação é a que não é dita.” Desta forma, na visão de Pires (2014), o texto se tornaria menos “sacal”.

“A reportagem investigativa, que tinha a função de informar e indignar, perde seu papel. Quem não entende, não se indigna.”. Paniago (2014) concorda:

É o desafio do Jornalismo Literário, fazer com que o leitor se ligue, preste atenção em coisas que passam por ele. Tem uma crise aí, mas que crise é essa? O que ela fala sobre você? O que ela fala sobre o mundo? O que há de novo ali? O que te tira do piloto automático ao ler? Acho que este é o desafio do bom jornalismo literário, desautomatizar a vida.

5. Considerações finais



Como vimos, a rotina produtiva para o Jornalismo Literário leva em consideração várias etapas, desde a concepção da pauta até a forma como o leitor absorve as informações. Com base na revisão bibliográfica e nas entrevistas realizadas com os profissionais, pode-se definir que desde o momento em que a pauta é pensada, ela já é tratada como uma pauta de Jornalismo Literário, ou “especial”, como define Fabiane Guimarães (2014). Isso é necessário uma vez que todo o processo apurativo que derivar da ideia original terá de ser feito com mais detalhamento do que seria em uma pauta dita comum. “É preciso tomar tempo para investigar e para escrever em formato narrativo, o que dá trabalho”, conclui Carol Pires (2014).

Dessa forma, fica claro que o Jornalismo Literário precisa de um tempo de dedicação maior do que o fechamento diário de um jornal. Fabiane Guimarães (2014), entretanto, trabalha em um jornal diário e gratuito, com espaço e tempo reduzidos, ainda assim considera que faz reportagens literárias. Fica evidente a diversidade de opiniões dos entrevistados ao tentar identificar um consenso de como se fazer Jornalismo Literário. Como visto anteriormente, fazer uso da linguagem narrativa depende não só do talento e do trabalho do repórter, mas de um esforço dos editores e da organização para a qual se trabalha. Portanto, talvez seja necessário aplicar as conclusões a um grupo maior de profissionais em trabalhos futuros para se verificar se elas se repetem.

REFERÊNCIAS

- ARNT, H. **A realidade nos trilhos da ficção: a notícia no século XXI**, Rio de Janeiro: Revista Rio de Janeiro, n. 20-21, 2007.
- ASSIS, F. **Jornalismo com traços de literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional**. Curitiba, PR : XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom. De 4 a 7 de setembro de 2009.
- BATELLI, G. **O valor notícia no jornalismo literário: análise de matérias do Correio Braziliense**. III Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, 2012. Disponível em <http://goo.gl/20XGDq> . Acesso em 20 mar 2014 10:30.
- BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CASCAIS, F. **Dicionário de jornalismo: as palavras dos media**. Lisboa: Verbo, 2001.
- CASTRO, G; GALENO, A. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2ª edição. São Paulo: Escrituras, 2002.



- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação: Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- GUIMARÃES, F. **Entrevistado II**. Entrevistador: Bruno Ribeiro. Brasília, 05 mar 2014 11:00. Entrevista concedida para a realização do Artigo.
- LIMA, E. P. (org.). **Econautas**: ecologia e jornalismo literário avançado. Canoas: Editora ULBRA, 1996.
- _____. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI, 2013. Disponível em <http://goo.gl/E5Dnl2> . Acesso em 20 mar 2014 10:30.
- LUGÃO, C. C. **Jornalismo literário**: a literatura do fato. Rio de Janeiro, RJ : Intratextos, 2012.
- MARTINEZ, M. **Jornalismo literário**: um gênero em expansão, 2009a. Disponível em <http://goo.gl/nYftiD> . Acesso em 20 mar 2014 10:30.
- _____. **Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada**, Florianópolis, SC : Estudos em Jornalismo e Mídia. UFSC, 1º semestre de 2009b, v. 2, nº 1, pp.71-83.
- NECCHI, V. A **(im) pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis: UFSC, v.6, n.1, p.99-109, jan./jun, 2009.
- NOBLAT, R. O atraso da Vanguarda *In* NOGUEIRA, N. (org.) **Jornalismo é...** São Paulo : Associação Brasileira de Anunciantes, 1997.
- PANIAGO, P. **Entrevistado I**. Entrevistador: Bruno Ribeiro. Brasília, 03 mar 2014 15:00. Entrevista concedida para a realização do Artigo.
- PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEIXOTO, C. Seis propostas para o próximo jornalismo *In* CASTRO, G.; GALENO, A. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2ª edição. São Paulo: Escrituras, 2002.
- PINTO, M. O. **Jornalismo como gênero literário**, 2008. Disponível em <http://goo.gl/sGb0vo> Acesso em 20 mar 2014 10:30.
- PIRES, C. **Entrevistado III**. Entrevistador: Bruno Ribeiro. Brasília, 07 mar 2014 14:00. Entrevista concedida para a realização do Artigo.
- ROMERO, A. **O assunto é jornal**: história, técnica e comentários. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1965.
- ROSSI, C. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SANTOS, J. R. **Comunicação**. Lisboa: Editora Prefácio, 2001.
- SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade**, 2005. Disponível em <http://goo.gl/NxTrFv> . Acesso em 06 mar 2014 10:30.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.